

## A CAMINHADA É UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA E A FILOSOFIA NÃO SE SEPARA DA VIDA...

## THE WALK IS A COLLECTIVE CONSTRUCTION AND PHILOSOPHY IS NOT SEPARATED FROM LIFE...

*Adenilde Petrina Bispo<sup>1</sup>*

Recebido em: 06/2020

Aprovado em: 07/2020

**Resumo:** O texto apresenta uma narrativa da caminhada do povo da periferia do Bairro Santa Cândida que, pela força das mulheres, descobriu a chegada do tempo de uma vida mais digna em uma comunidade a ser construída por nós. É a trajetória de lutas travadas a partir dos anos de 1970. A descoberta que a mídia não nos representa, que a democratização não chegou nas periferias nos levou a lutar pelo direito de informação através da criação da Rádio Comunitária do Bairro Santa Cândida - a Rádio Mega FM, com o seu fechamento e, para continuarmos levando a Cultura Hip Hop, nos organizamos no Coletivo Vozes da Rua com o objetivo de levar informação, educação e ser ponte para a fraternidade. Assim, demos continuidade ao Agosto Negro onde seus temas surgem a partir dos estudos e questionamentos dentro do Coletivo Vozes da Rua. A filosofia entrou em nossa vida e nos levou a muitos questionamentos, inclusive sobre a Filosofia da Academia que só estudavam autores brancos e diziam pouco de nós. Através de conversas e leituras descobrimos que a Filosofia nasceu na África, que os gregos "passaram o rato" nos textos egípcios. Descobrimos que a Filosofia está em nós, nas memórias dos nossos ancestrais, nas ruas, nos becos e vielas das comunidades periféricas, nas letras dos RAPS, assim como no Slam de Perifa, culturas de resistências. Temos muito a estudar para levar aprendizados sobre Filosofia Africana e construirmos coletivamente a Filosofia da Periferia nascida no chão e na vida da comunidade.

**Palavras-chave:** Bairro Santa Cândida; Rádio Comunitária Mega FM, Coletivo Vozes da Rua, Agosto Negro, Slam da Perifa; Filosofia Africana; Mulheres de Santa Cândida.

**Abstract:** The text presents a narrative of the journey of the people on the outskirts of Bairro Santa Cândida who, by the strength of women, discovered the arrival of the time for a more dignified life in a community to be built by us. It is the trajectory of struggles fought since the 1970s. The discovery that the media does not represent us, that democratization did not reach the peripheries, led us to fight for the right to information through the creation of the Community Radio of Bairro Santa Cândida - Rádio Mega FM, with its closure and, to continue taking Hip Hop Culture, we organized ourselves in the Vozes da Rua Collective with the objective of bringing information, education and being a bridge to the fraternity. Thus, we continued the Black August where its themes arise from studies and questions within the Vozes da Rua Collective. Philosophy came into our lives and led us to many questions, including about the Philosophy of the Academy that only white authors studied and said little about us. Through conversations and readings we discovered that Philosophy was born in Africa, that the Greeks "passed the mouse" on Egyptian texts. We discovered that Philosophy is in us, in the memories of our ancestors, in the streets, in the alleys and alleys of the peripheral communities, in the lyrics of the RAPS, as well as in the Slam of Perifa, cultures of resistance. We have a lot to study to take lessons on African Philosophy and collectively build the Philosophy of the Periphery born on the ground and in the life of the community.

---

<sup>1</sup> Coletivo Vozes da Rua. Santa Cândida - Juiz de Fora / MG

**Keywords:** Bairro Santa Cândida; Mega FM Community Radio, Vozes da Rua Collective, Black August, Perifa Slam; African Philosophy; Women of Santa Cândida.

## O começo...

Por volta dos anos de 1965 começou a se formar o Bairro Santa Cândida, na periferia da cidade de Juiz de Fora; muitas famílias compraram a prestação seus lotes, construíram suas casas por ser mais perto do centro da cidade e perto do trabalho; outras famílias vieram para fugir do aluguel, vieram famílias de trabalhadores rurais em busca de uma vida melhor e outras para a sonhada casa própria, nessa leva, a minha família. Santa Cândida era um bairro onde ruas foram abertas num pasto, sem planejamento. Não tinha água, luz, esgoto, não tinha igreja, não tinha escola, mas tinha muito desejo de mudança, porque, afinal, as famílias se sentiram merecedoras de uma vida mais digna... Assim, começou a construção coletiva de uma grande caminhada feita de uma luta dura, sem fim, feita de sonho, coragem, decepções, mas de muita disposição...

Mulheres à frente. Por que? *A casa era trabalho de mulher*. De mulheres que eram identificadas pelo nome do marido, do pai, do filho mais velho ou do homem da casa. Como assim: Você conhece a Maria? Que Maria? A Maria do “sô Marcelino” o marido, ou o pai, e na falta dos dois, do filho, o homem da casa... As mulheres arregaçaram as mangas e conversando sobre as necessidades e as dificuldades do bairro se organizaram em uma associação denominada *Sociedade Pró Melhoramento do Bairro Santa Cândida*, tendo à frente a Dona Aparecida do “Sô” Sabino, uma mulher corajosa, decidida e disposta que *ajuntou* as mulheres do Bairro, os homens também puderam participar e, mulheres à frente, a luta pela água, esgoto, luz, calçamento das ruas... as festas organizadas para arrecadar fundos para movimentar a luta. Ah, tinha a participação dos jovens, das crianças e dos mais velhos, cada qual dando sua contribuição. Daí, depois de anos de muitas lutas, complicadas pela ditadura militar, conseguimos água, luz, esgoto...

Faltava mais o quê? Uma Igreja, para celebrarmos nossas vidas, um lugar para fazer reuniões e as festas da SPM. Conseguimos o salão da SPM. Conseguimos, depois de muita luta, o terreno, onde a comunidade começou a construção do salão de reunião da CEBs, e mais para frente construímos a capela. Sem esquecermos a Escola para o Bairro: as mães dormiam nas filas de escolas por perto para, quase sempre sem sucesso, matricularem seus filhos. Foi uma luta grandiosa articulada por moradoras, moradores e as CEB's – Comunidades Eclesiais de

Base, onde, baseado nos Evangelhos, refletíamos sobre nossa vida, nossas dificuldades, necessidades, o que nos impedia de ir pra frente e as estratégias para vencermos as dificuldades... foi assim, na caminhada coletiva que nos politizamos. Era por volta de 1984 quando apareceu um político oportunista, cheio da lábia, conseguiu convencer o povo a trocar o terreno da Igreja com o local onde a SPM se reunia, e a Igreja seria construída no lugar onde funcionava a SPM. Triste decisão... mas conseguimos construir a Capela.

Mas continuemos falando das Comunidades de Base que deram origem ao jornal da Comunidade, a descoberta do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, a criação do Grupo de Teatro “Nóis Todos!” onde estudávamos, criávamos peças curtas de teatro como forma de comunicação, informação, conscientização e diversão. A ideia do teatro se espalhou para outras comunidades próximas. Foi muito bacana. Foram tempos maravilhosos de muita criatividade. E aprendizado.

### **E a Rádio Comunitária Mega FM chegou...**

No bairro tinha uma equipe de som que fazia festas e bailes blacks chamada SpaceLab, criada pelo DJ Nono, da Santa Cândida, que ganhou fama na região tocando Miami Bass nos bailes e, oriundo do Miami Bass, nasceu o Funk e a explosão de Mc’s nas periferias que cantavam nos bailes. O Dj Nonô, juntamente com os alunos do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho, na Santa Cândida, mas que atendia a população de São Benedito, Vila Alpina, criou uma Rádio Escola que funcionava na hora do recreio e daí surgiu a ideia de montar uma rádio comunitária a exemplo da Rádio Favela de BH, para levar informação e tocar as músicas que as rádios hegemônicas não tocavam.

A Rádio Comunitária Mega FM, a Comunitária de verdade, com a participação da comunidade, entrou no ar em 19 de junho de 1997. A garantia da rádio no ar durante o dia ficava a cargo dos jovens; os adultos cuidavam da programação noturna e nos finais de semana. A programação tinha participação ampla dos moradores de Santa Cândida e bairros adjacentes e era feita por moradores das comunidades, jovens, mulheres, idosos, representantes dos movimentos sociais, tais como Movimento Negro, Movimento Estudantil, Funk, além da Igreja Católica, Candomblé, Umbanda, Espíritas Kardecistas, Movimento Estudantil, Fitoterapia com um raizeiro, o “seu” João Alberto, da comunidade de Vila Alpina; programa sobre o Continente Africano, chamado Voz d’África apresentado por Augusto Alfredo, estudante angolano da UFJF; Movimento Gay de Minas, Jazz, Blues, Rock, Heavy Metal, Hard Rock, samba, pagode,

sertanejo raiz, música clássica, notícias, Programa Café Filosófico, sobre a importância e os assuntos da Filosofia, Ecologia, um programa chamado Potyrõ, feito pelo Conselho Missionário Indigenista, com o objetivo de passar informações sobre as várias comunidades indígenas do Brasil e suas lutas; criamos um grupo de rádio novelas e um programa chamado Mega Fenômeno, sextas-feiras à meia noite. Os mais antigos forneciam os enredos das novelas e do programa. E, claro, de vários programas de Cultura Hip Hop e seus elementos. Enfim, uma pluralidade de programas destinados a levar informação, formação e ser ponte para a Fraternidade.

Na Rádio tinha um programa voltado para as mulheres, o “Programa de Mulher” feito pela Professora Claudia Regina Lahni que lecionava Comunicação Comunitária na Universidade Federal de Juiz de Fora, com a participação de suas alunas. O programa foi fundamental para as mulheres de Santa Cândida que nunca tinham se pensado como mulheres que tinham uma história, protagonismo e importância na sociedade; o programa trazia a história e as lutas dos movimentos feministas, grupos de feministas da cidade de Juiz de Fora, notícias sobre mulheres, feminismo, o machismo e a busca da igualdade entre mulheres e homens... tudo isso foi plasmando nosso pensamento e a descoberta de que tudo que aconteceu na Santa Cândida foi através da luta das lideranças femininas da comunidade. Éramos feministas e não tínhamos consciência.

Como a rádio era muito visitada por estudantes universitários, os integrantes da Posse de Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares começaram a questionar: o que nós somos? “Os porcelanas” que veem na rádio vão ser jornalistas, professores, e nós o que somos? Até que o CLP, leu o livro “Escritos”, de Gramsci e chegou na rádio falando: somos intelectuais orgânicos e temos moeda para trocar, sabemos quem somos porque vivemos e eles sabem porque leem muitos livros sobre nós... a ideia cresceu, criou corpo. Porém a Rádio Mega foi fechada pela Polícia Federal, em 2007. Fomos processados e calaram a nossa voz, mas não calaram nossas ideias e nem nossos pensamentos. Através da Cultura Hip Hop continuamos a levar as ideias da Rádio Comunitária que nos alfabetizou, nos ensinou a importância da comunicação, ensinou que a informação é poder, que o Hip Hop não salva, o que salva é o conhecimento que ele nos passa através do quinto elemento da Cultura Hip Hop que é o conhecimento.

A Rádio Comunitária também alfabetizou nosso olhar e apresentou uma realidade: a mídia, é um oligopólio, nas mãos de sete famílias que determinam o que vamos ouvir, consumir, acreditar, e que podemos mudar esse panorama com a democratização da mídia e uma mídia popular e periférica.

Um fato: fomos convidados para participar da Semana da Mídia na UFJF representando a Mega FM, a Posse de Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares. O grupo mandou um papo reto. No final da apresentação, algumas alunas presentes chegaram até nós, e uma disse: “Vocês falam direitinho, viu? Bem que nos avisaram...” o Erê, bboy, respondeu de pronto: “A gente fala direito sim, moça...já descemos até da árvore e você não viu”. Silêncio. E a propósito, fizemos nossos comentários a respeito da maneira como a universidade nos vê: como seres exóticos. Nós somos exóticos para a branquitude. E que ela não nos queria lá...

Passada a surpresa e a tristeza pelo fechamento da Rádio Comunitária Mega FM, foi criado o Coletivo Vozes da Rua para levar em frente os objetivos da Rádio: informação. Aprendemos sobre o Agosto Negro ainda na Rádio Mega em 2003. O tema do primeiro Agosto Negro foi: “A Informação é o Quinto Elemento”, que tratava informação como forma de libertação, de dignidade, de direitos e de democratização da sociedade, pois a Rádio Comunitária Mega FM ensinou que a informação é um “oligopólio” que pertence a elite e transmite o pensamento dos poderosos e que só haverá democracia com a democratização da mídia... A rádio transmitia nossas ideias, pensamentos, nos deu protagonismo, orgulho, nos tirou da invisibilidade, aumentou a nossa autoestima, além da importância da leitura, porque tínhamos que ler muito para preparar os programas da Rádio e para levar os temas do Agosto Negro.

Como fazemos o Agosto Negro? O Coletivo Vozes da Rua, escolhe um tema de acordo com as nossas preocupações e observações, e durante junho/julho, estudamos o tema. Nessa preparação, convidamos outros movimentos para ajudar na nossa preparação e depois, vamos para as escolas da periferia levando uma ideia e informação. Alguns assuntos do Agosto Negro:

- \*2003 – A informação é o quinto elemento da Cultura Hip Hop
- \*2004 – Para se ensinar História da África e do Negro no Brasil. Lei. Porquê? Lei 10.639.
- \*2005 – Hip Hop pela Paz
- \*2006 – Os elementos da Cultura Hip Hop
- \*2014 – Contra o Genocídio da Juventude Negra. A Periferia fala...
- \*2015 – Resgate da História do Agosto Negro
- \*2015 – Semana da Consciência Negra: A Cosmologia africana e a ressignificação da Cultura Hip Hop - abordamos as religiões de matriz africana
- \*2016 – Cultura Hip Hop: fundamentos e diretrizes
- \*2016 – Março - A Cultura Hip Hop apresenta a Diversidade feminina.

Dois dias de conversas sobre a demanda das mulheres jovens, idosas, negras, ciganas, brancas, LGBTI com várias apresentações culturais.

\* 2017 – Opressão, Linguagem e Ação – A transformação do silêncio em linguagem e ação, de Audre Lorde.

\* 2018 – Vozes da Rua pergunta: Por que não é possível empoderar alguém? (Joice Bert) O empoderamento é coletivo.

\*2019 – Primavera Periférica: O Florescer da Literatura Marginal nas periferias.

\*2019 – março, 23: A Cultura Hip Hop apresenta a Diversidade Feminina. Exibição do filme “Ori” e lançamento do livro “Beatriz Nascimento, quilombola e Intelectual” – Depois do filme, roda de conversa.

Em 2017, os poetas Mohammed Silva, Yuri Souza, Jackson e Riquelme estiveram em uma reunião do Coletivo Vozes da Rua levando o que era um Slam e para junto fazermos o Slam que é uma competição poética. Desse encontro, foi criado então o Slam de Perifa, responsável pelo florescer da Literatura Marginal nas periferias de Juiz de Fora, fazendo crescer o interesse pela poesia da juventude periférica e quem pode falar mais sobre o assunto, são os jovens poetas e filósofos da periferia. E nos juntamos: Coletivo Vozes da Rua e Slam de Perifa, em um coletivo só.

### **Os rumores da Filosofia...**

Fazer Filosofia, foi uma dificuldade. Minha mãe queria que eu fizesse apenas até a quarta série primária para poder ler as receitas para cozinhar para a minha patroa... mas o destino decidiu diferente: os Padres Redentoristas junto com outros moradores da fazenda da Floresta decidiram criar um ginásio da CENEC, para continuarmos os estudos. Os que tinham dinheiro, estudavam na cidade, conseguiam chegar até a Faculdade... Mas outros, ficavam mesmo com a quarta série e iam ajudar as suas famílias no trabalho que se apresentasse. Quando do Padre João Fagundes Hauck, passou na sala da quarta série, explicando que precisavam de alunos para criar um ginásio em Floresta, juntamente com outros, dei meu nome e levei uma surra em casa, porque meu destino estava traçado... Quando o Padre João foi buscar os nomes e falei que minha mãe não queria que estudasse, ele foi lá em casa e convenceu minha mãe que autorizou-me a estudar, mas quando o padre foi embora, outra surra e o castigo: você vai estudar, mas suas irmãs também vão. Assim fiz o antigo ginásio, o Curso Normal e tomei conhecimento da

Filosofia, porque era a única chance de estudar sobre as estrelas, a origem do mundo era através da Cosmologia – queria fazer Astronomia por causa das estrelas. Fui para UFJF Fazer Filosofia.

### **Filosofia é terra de ninguém e como a Filosofia Africana emergiu de dentro de nós**

Minha mãe perguntou: Filosofia serve para quê? Só para rico.... para pobre filosofia é terra de ninguém... respondi: tô em casa... nós somos ninguém. Daí a Filosofia entrou na minha vida e na vida dos que conviviam comigo na Santa Cândida: era observar o que a Candinha, como é chamada carinhosamente a Santa Cândida, dizia para nós? O Zoi, um rapper da Candinha, garantia que era só olhar a rua do meio e ele sabia como a Candinha estava; o vento faz parte da nossa vida... se taparem o buraco da parede o vento não circula, vou adoecer...o jogo da árvore de quaresmeira no fim da rua: o que ela tá falando? Vamos falar o que pensamos? A Gení dizia: espera a hora certa...o Nietzsche fala do andarilho e fala que só quem aprendeu a contar estrelas saberá o que virá com o amanhã... tinha o Breno de 16 anos que lia muita filosofia e discutia também... até que o Levante da Juventude, que tinha um Cursinho Popular na Escola da Santa Cândida, me chamou para falar de Filosofia para os alunos do cursinho e mais tarde me falaram do que os meninos sentiram quando disse que a Filosofia nasceu do encantamento, do maravilhoso...como tinha uns livros de Filosofia, passados de mão em mão, e daí o Coletivo criou a Bibliotequinha do Coletivo Vozes da Rua com muitos livros de Filosofia, Cultura Negra, História da África, Cultura Hip Hop, Pensadores Negros como Ângela Davis, Malcom X, Stive Biko e Poesia Marginal...

A princípio só os rappers liam para tirar ideias para escreverem letras de RAP, depois os Poetas do Slam de Perifa... um belo dia aconteceu uma conversa de que a Filosofia é da Academia... veio a pergunta: de onde o Heidegger tirou a ideia do Ser e o Tempo? Da Floresta Negra, em dado momento ele fala que o ser se manifesta na clareira...onde tem clareira? Sabe da clareira da mata de São Benedito? E o Caminho do Campo, maravilhoso? A partir de quê nasceu a filosofia socrática? A Maiêutica? O partejar das ideias? A mulher do Sócrates, a Xantimpa era parteira...t razia vida ao mundo. A Maiêutica parteja ideias. Nós também fazemos nascer ideias... Somos intelectuais orgânicos que observam as ruas, as pessoas, o que elas dizem e formamos ideias e reflexões... e o Nietzsche? Como ele é apaixonante... você é uma pessoa?

Então você tem a filosofia dentro de si... e então bboys... vocês são dançarinos... o Nietzsche fala que o espírito de um bom filosofo deseja ser um dançarino... Fechou! porque aqueles que se vestiram de vagabundos e dançaram nas ruas, os que lembram de contar estrelas,

estes saberão sentir o hoje e o dia que já vem vindo... a Filosofia tá na rua, assim como o Hip Hop é cultura negra de rua... e num estalo, estamos filosofando... o varredor de rua filosofa... o rap Oitavo Anjo do Dexter é filosofia... para quem está nas ruas, nos becos e vielas da periferia sabe, sente e entende quando Dexter diz que “até no inferno a gente precisa escolher com quem se anda”... as poesias dos poetas é Filosofia que a periferia entende... a Filosofia é simples como o vento, é como alguém diz... quando a gente é novo gosta de falar de coisas difíceis... não vê o Heidegger? Complicou a vida inteira e depois escreveu um livro poético: O Caminho do Campo... cada filósofo muda sua vida, sua visão de mundo com as armas que tem...

A periferia está transbordando de filósofos... é só descobrir. Por enquanto estamos ouvindo rumores de cá e de lá... Se apossar da Filosofia é transformar o jeito de olhar o seu lugar, tornar a vida mais leve... é preciso ser muito leve, ser como os bboys dançando nas ruas, pois o verdadeiro dançarino supera a dor e o sofrimento para mostrar a sua arte... e sonhar com um mundo novo, pois é o sonho que nos dá força para viver, vencer a opressão do dia a dia, opressão que nos engessa e não nos permite fazer o pensamento dançar, ressignificar a nossa periferia, ter orgulho e amar o lugar que a gente vive.

Até aí... O mundo dá muitas voltas... das leituras e das conversas vieram os questionamentos: Aristóteles defendia a escravidão, legitimava-a. Ele justificava a escravidão porque, no entender dele, os escravizados por natureza não eram capazes de viver livremente e com autodeterminação.

Foi uma descoberta pesada, uma reflexão e muita mudança. Vieram outras: como a descoberta da África em 1415, que com as bênçãos da Igreja Católica, a branquitude precisava criar uma hierarquia para explicar os seres humanos, acharam melhor explicarem de acordo com as cores... Kant dá a resposta no livro Geografia Física, no século XVIII. Segundo ele, a humanidade está, em sua maior perfeição, na raça branca. A universidade nos deve. Para a Academia, a África passou a existir a partir de 1415 com a invasão de Ceutas pelos portugueses...antes, era nada. E a Civilização Núbia? E os egípcios com suas pirâmides, seu conhecimento preciso de Matemática, Astronomia e Medicina? Bom, os brancos não tinham respostas e acharam um jeito de encaixar o que não entendiam e não podiam aceitar, na Teoria do Antigo Astronauta que fala que: as pirâmides e os conhecimentos egípcios foram trazidos pelos alienígenas do passado.

Uma maneira quase perfeita de justificar o que não podiam conceber. Sobre Filosofia: é certo que os gregos andaram pelo Egito e aprenderam muito com eles. Então, a Filosofia nasceu na África. As fontes do Conhecimento Africano são textos egípcios “milianos” mais

antigos que os textos gregos... Eles, os gregos, podem ter criado o nome Filosofia, mas não foram os primeiros a pensar sobre o mundo, sobre a busca do conhecimento. Os pergaminhos egípcios estão lá. Esse acobertamento do conhecimento, da sabedoria do povo africano, fez com que o Ocidente se tornasse senhor da origem de toda cultura e de todo conhecimento que está aí na Academia. É real...

Pela nossa caminhada no mundo do conhecimento, deu para saber que a branquitude controla a educação, os meios de comunicação em geral, as editoras; são os brancos que controlam a literatura e tudo isso está nas mãos da elite branca a serviço da classe opressora, pois quem tem conhecimento, tem poder que é usado para manter negros e favelados na ignorância, nos destruir como negros, como criadores e disseminadores de cultura, ou seja, matar nossa memória e nosso conhecimento. A educação é branca, a universidade é branca, a maioria dos professores são brancos, a História é branca, e como diz o Poeta Chagas, “uma geografia branca, uma linguagem branca...” os livros são de autores brancos, livros de autores negros como Frantz Fanon, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Ferréz, Aimé Césaire e tantos outros não são conhecidos pelos professores da Academia. O negro favelado que pensa é considerado exótico: nossa poesia é exótica, nossa Cultura Hip Hop é exótica e não sabemos falar... Ser negro no mundo dos brancos é lutar contra a morte da nossa memória.

Numa preparação para o Agosto Negro de 2017, o Coletivo Vozes da Rua, fez uma roda de conversa com a presença do MST, o Grupo Étnico-Racial de Psicologia e a presença de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, morador do Quilombo Saco-Curtume no Piauí e formado por mestras e mestres de ofícios, que nos falou sobre Colonização, Quilombos, sobre a Contra Colonização na Academia, sobre circularidade do saber, confluências, transconfluências e sobre Karl Marx. Lançou a pergunta para geral: afinal, quem é Karl Marx? Diante das respostas que falavam em criador do Marxismo, do Capital que analisa a sociedade de classes e por aí a fora, Nego Bispo mostrou que quando Marx escreveu o Capital, falando da exploração, da luta de classes que é uma coisa de branco, o negro já estava trabalhando há muito tempo na África... mostrou exploração e a opressão que os povos que vieram da África sofreram, falou sobre a cosmovisão africana, a circularidade do saber, a partilha do conhecimento e da sabedoria com a ancestralidade, que não há exploração entre os africanos porque ao invés de trabalhar, as pessoas interagem com a natureza e o resultado dessa interação, acaba se concretizando em condições de vida digna.

Essa visão nos levou a procurar conhecer o que Marx andou falando sobre os negros, a escravidão, exploração e trabalho na América porque ele só sabia da Europa. Encontramos o

livro de Carlos Moore, “O marxismo e a questão racial”, entendemos que para Marx, europeu, a “história da humanidade é a história da luta de classes” nascida na Revolução Industrial do branco europeu, enquanto a escravidão já há tempos acontecia na América e o corpo negro e indígena eram explorados. Vimos um Marx racista que temos de estudar, conhecer melhor e reescrever essa história do nosso ponto de vista.

Por tudo que temos aprendido sobre nós, negros periféricos, entendemos que a Filosofia nasceu na África, a nossa construção enquanto pessoa é coletiva: são os nossos ancestrais, a família, os companheiros de caminhada, os que nos estendem as mãos passando conhecimento, informação para *lembrar que a memória também constrói o saber*. Tem muito sentido quando os jovens dizem: “tô filmando tudo”. Na verdade estão registrando as palavras, as atitudes, os olhares, as pessoas, as experiências com muita riqueza de detalhes guardados na memória e transformados em conhecimento. *O saber filosófico nasce da vida, das caminhadas nos becos e vielas das nossas periferias*. O vento dentro de nossas casas e essa ligação que faz conhecer o vento suave, amoroso, saudável, bravo, zangado... Estamos ligados a natureza e aos seres humanos... cheiro especial da Candinha, o silêncio, o barulho nos dizem das pessoas e do que estão passando. A interação entre ancestralidade e natureza. Na memória de todas as vivências passadas e presentes, construímos nossas narrativas, nossa visão política, nossa visão de mundo, a nossa reflexão sobre a vida.

Bem, estamos começando nossa caminhada pela Filosofia Africana que emerge nas periferias, não queremos estudar só a História da Filosofia como se faz na Academia, queremos filosofar, que nada mais é que reconstituir nossas lembranças, nossas memórias em sintonia com nossa Ancestralidade, ressignificar nossas vidas, nossa caminhada lembrando que um homem sem memória é igual a uma bolha de sabão: não tem passado, assim é incapaz de celebrar. O presente é fugaz e não há utopia, nem esperança em um tempo novo. Necessário falar e lembrar que conhecimento não vem com uma carteira de diplomas, mestrados, etc... vem da vida e deve ser transmitido de forma que nos melhore, que todos entendam e possam partilhar, fazer o saber e o conhecimento circular. Temos muito que caminhar...

Agradecemos aos companheiros e companheiras de caminhada que dividem com a gente o alimento, o pão e a informação através de textos, livros, conversas, questionamento, afeto, carinho e dividem memórias e palavras.

**A caminhada coletiva continua e é longa demais... a Filosofia está conosco: a filosofia da favela**

Gratidão imensa à Professora Adilbênia Machado por nos ajudar a vencer o silenciamento imposto a nós da periferia e contar nossa caminhada...

Agradecimentos afetuosos ao Professor Julvan Moreira de Oliveira por nos passar textos sobre Filosofia Africana que muito haverão de nos auxiliar, nos colocar em uma caminhada árdua em busca de conhecimento sobre nós, nossos ancestrais, recuperar nossas memórias e escrever nossas vivências para o nosso povo. Axé!

### **O Coletivo Vozes da Rua**

Nascido depois da pausa da Rádio Mega FM para dar continuidade à informação, à formação dos jovens e de todas as vozes das ruas e ser ponte para a fraternidade... Somos várias Vozes: Andressa, Jocelaine, Jéssica, Sarah, Pri Moreira, Ágata, Giovane Verazzani, Vitu, Chagas, Zangão, Jonathas, Mohammed Silva, Arthur Diego que ama o Kant, Yuri Souza, filósofas e filósofos / poetas e rappers; Gustavo Flowkill, Wellerson Camon, Marcos, Bboys; Paulo César, Pena Pride escritores de rua (Grafiteiros); Bruno Souza, Wendel, Adenilde Petrina, Dj Nono e todos que colam com nós...

### **Quem sou?**

Sou Adenilde Petrina Bispo, nascida em Cachoeira do Campo (Ouro Preto / MG), no morro do Cruzeiro em 29 de junho de 1952. Minha avó, Sinhana, parteira e benzedeira é quem me trouxe ao mundo. Minha avó era parte de uma família de mulheres sozinhas... Mãe solteira, mãe de três filhas que criou com a ajuda de suas irmãs. Me ensinou a importância de ser forte, enfrentar a vida com coragem porque não temos tempo de ter medo, sofrer e chorar. Disse-me para honrar meus ancestrais, e que quando nasci eu olhei para trás e não tinha ninguém, portanto, deveria ser dona do meu destino e da minha vida... e fosse muito forte.

Desde então, tenho tentado... Estudei, fiz Filosofia na UFJF e quando me formei, autorizada a lecionar História, como dizem os irmãos da Cultura Hip Hop, meti o pé porque minha mãe me fez ver que ali não era meu lugar. Dona Aparecida do Sô Sabino, me convocou para participar da Sociedade Pró Melhoramento de Santa Cândida e daí comecei uma caminhada sem fim... participei do Grupo GEAB'A, Grupo de Estudos Afrobrasileiros Acotirene e lá me descobri negra e percebi o racismo, também que a luta seria grande. Participei

de grupos de teatro do Oprimido, Catequese na Santa Cândida e na Rádio Comunitária do Bairro Santa Cândida - Mega FM, onde o povo dá um show no ar de 1997 a 2007, quando a rádio fechou de vez... Com a galera da Cultura Hip Hop criamos e participamos da Posse do Visionário Antônio Conselheiro, houve um racha e surgiu a Posse da Cultura Hip Hop Zumbi dos Palmares, com o fechamento da Rádio, acabou a Posse Zumbi dos Palmares e os rappers da Santa Cândida criaram o grupo Harmadilha do Guetto que se transformou e cresceu com o Coletivo Vozes da Rua.

Não compreendo a minha vida sem a caminhada com os movimentos sociais que ajudaram a construir coletivamente a todos nós... Não vejo sentido na vida sem partilhar a caminhada com jovens, velhos, mulheres, os excluídos, os *ninguém* para a construção de um mundo mais humano. *Tamos* juntos... Nessa caminhada é que nos empoderamos e nos tornamos senhoras e senhores de nossa História... Somos protagonistas de uma longa caminhada, construindo nossa História. **Somos fortes porque sonhamos!**

*Página no Facebook, Instagram, Youtube: Coletivo Vozes da Rua*

*Página no Facebook: Slam de Perifa*

*Rádio Comunitária Mega FM: vários artigos na Internet*

*Equipe SpaceLab – facebook.*

*Santa Cândida – Juiz de Fora, MG, maio de 2020.*